

Directora Adelaide F. Leitão
bimensal distribuição gratuita

ARTISTA EXPÕE NO CASULO

José Dias Coelho é o nome do artista que expõe aguarelas e desenhos na galeria do Centro Cultural de 29 do corrente a 08 de Novembro.

É um artista de Leiria que nasceu em Coimbra em 1945 e que residiu em Figueiró dos Vinhos durante um ano onde o pai era professor primário. Tendo-se mudado muito novo para Leiria, aí frequentou a escola e o liceu mostrando-se desde logo dotado para as artes plásticas.

Foi no liceu, do 1º ao 7º ano, que obteve, nas aulas de desenho, as bases que lhe permitiram posteriormente desenvolver a sua capacidade artística. Foi essencialmente do 3º ao 7º ano que adquiriu maiores conhecimentos de desenho e aguarela com um excelente professor e artista que possuía um curso de pintura das Belas Artes e que mostrava bastante interesse em "puxar" pelos alunos mais habilidosos. Apesar destes conhecimentos básicos, pode considerar-se um autodidacta, uma vez que nunca frequentou qualquer curso de artes plásticas, tendo vindo a aperfeiçoar-se e a aprender à custa do seu talento e persistência.

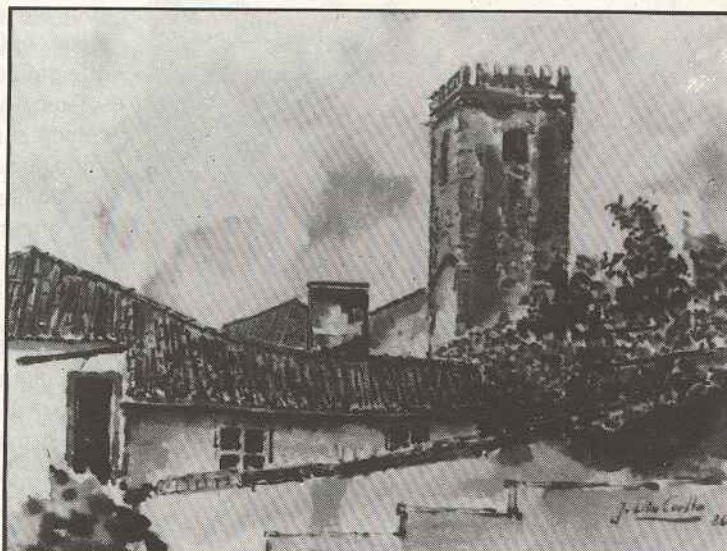
Essencialmente um paisagista, o tema preferido das suas aguarelas é o mar por residir perto da costa e se sentir atraído pela paisagem marítima.

A paisagem urbana e natural são também alvo da sua atenção podendo observar-se nos trabalhos expostos três aguarelas de recantos típicos da vila de Figueiró.

Realizou a 1.ª exposição individual em 1977 na "Galeria de Arte" de Leiria. A partir dessa data, muitas mais se lhe seguiram quer individuais quer colectivas em várias localidades como Arganil, Nazaré, Alcobaça, Porto de Mós, Pombal, Figueira da Foz, Póvoa do Varzim, Caldas da Rainha e Leiria num total de vinte e uma.

Sendo membro do M A C (Movimento Artístico de Coimbra), tem também colaborado com este organismo em várias exposições tendo estado presente na Comemorativa do Centenário da Exposição Distrital de Coimbra de 1884.

Depois destas referências estamos certos de que a presente exposição terá a receptividade e a afluência que as obras de José Dias Coelho merecem.



FIGUEIRÓ DOS VINHOS

O Traje popular nos séculos XIX e XX

Apontamentos para o seu estudo

Margarida Lucas

Das lutas liberais à implantação definitiva do absolutismo, o séc. XIX é recheado de perturbações políticas e sociais.

Com o liberalismo, o traje da corte assume então aspectos completamente novos e em Portugal, tal como em França, as calças compridas no vestuário masculino vão ser sinónimo de liberalismo a que se associa um certo espírito de sobriedade, já que estas eram até então só utilizadas pelo povo.

“Portugal muda de pele ... extingue--se lentamente a casaca de seda preta, a cabeleira de nós, volta a saragoça, usa-se o burel, a estamemha triunfa - e o briche é a matéria prima das casacas ...” (1)

Quanto às damas, as alterações são menos marcantes, embora se tenha perdido por completo a sumptuosidade do séc. XIII. A grande mudança verifica-se principalmente na textura dos tecidos, mais compacta e pesada, em oposição ao estilo Império do fim do séc. XVIII e princípio do XIX, em que os tecidos privilegiados eram os leves e transparentes.

Deve ainda salientar-se que este é o século

do Romantismo, por excelência e que o primeiro romantismo na indumentária feminina, está representado no extraordinário volume das mangas.

Indiferente a tudo isto, o povo campesino do interior, apenas observa estas mudanças, mas não sentindo necessidade delas, contenta-se com os trajes que as suas limitações e necessidades determinam.

De facto o traje popular sofreu alterações, naturalmente, através dos tempos, sendo estas no entanto mais lentas e quase sempre explicáveis por vários factores.

À economia de subsistência vigente nas áreas campesinas, estava ligado o artesanato da tecelagem e portanto a feitura doméstica dos tecidos, bem como a consequente confecção das peças de vestuário.

Assim, as camponesas semearam muitas vezes o linho de onde haviam de tecer o pano das suas blusas e camisas. Quanto aos panos de lã, eram tecidos também em casa, principalmente nos locais onde o gado lanígero abundava.

A indústria, essa só chega a Portugal no

séc. XIX e se bem que a indústria têxtil se encontra à cabeça das primeiras implantadas no país, o povo só ha-de começar a adquirir tecidos nelas fabricados nos finais deste século e princípios do XX.

De qualquer forma, o traje popular, o seu corte e as suas características estiveram sempre ligados ao desempenho de uma determinada função no trabalho rural, ao clima da região e à proximidade ou não dos rios ou do mar.

Em Figueiró poderemos encontrar três zonas distintas, quer na geografia, quer nas actividades agrícolas que justificam também três grandes grupos de silhuetas no traje.

A primeira Zona, mais serrana e menos hidrográfica, virada para a Serra da Lousã, abrange as actuais freguesias de Campelo e Aguda.

Aqui a saia feminina desce até ao tornozelo, é normalmente de côr escura e desprovida de adornos. A blusa, de tecido fino, está quase sempre coberta pela capa curta de burel (antes da industrialização) ou do xale grosso de lã (depois das industrializações). O lenço é atado, primeiro à frente e depois atrás, mudando de qualidade dos dias de semana para o Domingo.

Na terceira Zona, a da Ribeira de Alge ou do Rio Zêzere, a saia sobe um palmo, ou mais, acima do artelho, e a blusa, deixada a descoberto durante as lides da semana, só se encobre pelo xale durante as caminhadas do tempo mais frio ou nas idas à vila ou à missa de Domingo. O lenço é atado primeiro atrás e depois em cima.

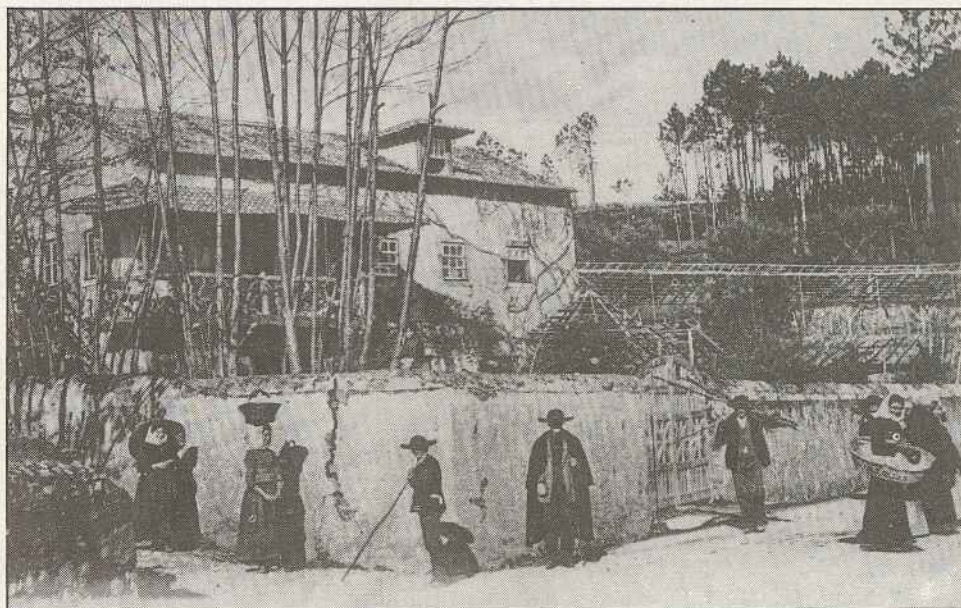
A segunda zona é a da vila e arredores mais próximos.

Enquanto o comprimento da saia medeia entre os anteriormente descritos, a blusa, com um ou outro adereço, com mais ou menos enfeites de rendas ou pregas, pouco diferem das outras zonas.

Com o avanço da indústria têxtil no país e comercialização do interior, o tecido de linho do séc. XIX vai dando lugar aos tecidos de algodão, mais ou menos coloridos, mas quase sempre de fundo claro e motivos miúdos.

As figuras (1) e (2) mostram dois dos cortes possíveis da blusa da camponesa de Figueiró. Esta nunca se mete por dentro da saia, que nos dias de Domingo, é sempre mais rica como a da figura, enfeitada por uma ou mais barras de fita brilhante, mas da mesma côr da saia.

O lenço é simplesmente atado atrás, deixando-se cair as pontas, (fig. 3) mas se o



trabalho exigisse maior movimento, voltava-se a atar por cima da ponta de trás, tornando-o assim mais fixo.

O xale, de lã ou de seda, conforme a época do ano e as posses da sua possuidora era indispensável, fosse para servir simplesmente de abafo, fosse para "compôr" em dias e ocasiões festivas.

De notar que a camponesa desta área não usa avental quando vem à vila ou vai às festas. Este é utilizado, de semana durante o trabalho. Neste caso, é levemente franzido, mais curto que a saia e de corte rectangular.

Quanto ao traje masculino, podemos globalizá-lo nas três zonas definidas, já que pouco ou nada deferia de umas para outras. (fig. 4)

Durante o trabalho, as calças compridas de tecido de lã grosso eram quase sempre mais justas do joelho para baixo e estas davam lugar, ao Domingo, a outras de corte idêntico, mas quase sempre pretas ou cinzento escuro e de flanela melhor.

A camisa de trabalho, mais grossa e escura era também mudada ao Domingo por uma branca sobre a qual se vestia o colete e, nos dias mais frios a jaqueta, que se transformará em casaco, no séc. XX.

Os rigores do Inverno obrigavam estes muitas vezes ao uso do capote de corte amplo e de lã grossa. Não faltava nunca o chapéu de abas largas ao camponês proprietário, enquanto o moleiro ou o jornaleiro usava barrete preto de borla virada ao lado.

Quanto ao calçado, era determinado pelo trabalho que se fazia, pelas posses e ainda e sempre pelos dias da semana ou de Domingo.

Os tamancos de sola de pau eram os mais vulgares, quer nos homens, quer nas mulheres, que os trocavam pelas botas, no caso dos homens, de forte cabedal ao Domingo ou em idas ao mercado, e no caso das mulheres, por sapatos pretos abotinados e de tacão baixo quando os tinham.

Nos dias festivos os homens colocavam ainda a cinta preta a rematar as calças e a camisa e sobre esta vestiam então o colete.

Só quando os anos sessenta deste século fizeram proliferar as malhas industrializadas é que as mulheres foram largando pouco a pouco o xale. Depois foram também esquecendo a saia ampla e comprida e por fim tiraram o lenço e os homens o chapéu e o colete.

Estava terminada uma época.

(1) Mário de Almeida - Lisboa do Romantismo, Lisboa, Rodrigues & C^a 1917

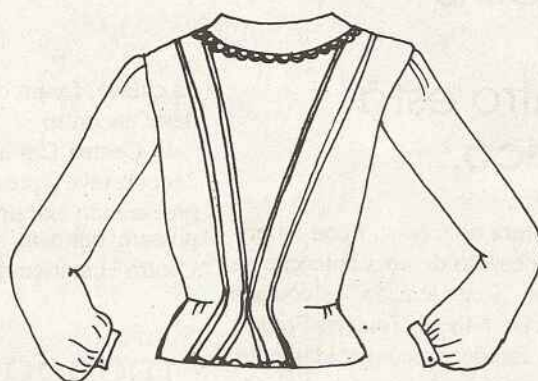


Fig.1



Fig.6



Fig.5



Fig.4

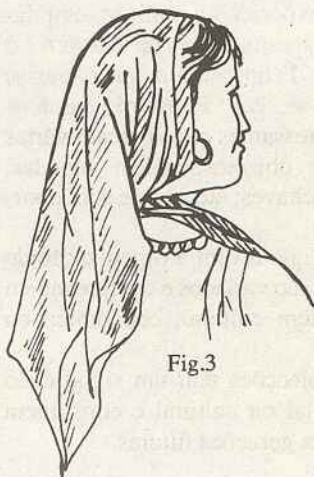


Fig.3

Fig. 5 Chapéu de Homem séc. XIX e XX

Fig. 6 Chapéu de Homem a partir de 1940

o centro está mais rico...

A sala de leitura do Centro ficou valorizada com a concessão de uma colecção de exemplares da "Regeneração" efectuada pelo Exmo. Sr. Dr. Alberto Teixeira Forte, a quem o Centro agradece reconhecidamente. Este jornal Figueiroense, importante órgão de comunicação social no passado, era publicado quinzenalmente, como muitos estarão recordados, e constitui um importante testemunho da sociedade de outrora.

O Centro pretende também manifestar a sua gratidão para com o Ex.mo Sr. Laurentino Francisco dos Santos que gratuitamente cedeu um desenho do projecto do "Casulo" pertencente a uma colecção de quatro, (já desaparecidos) realizados pelo arquitecto que dirigiu as obras do chalé de Malhoa, E. Reynaud.

Com estas duas importantes dádivas o Centro Cultural vê o seu Património enriquecido e deixa aqui mais uma vez o seu "muito obrigado".

o centro na R D P

No passado dia 15, pelas 18.00 horas, esteve entre nós uma equipa de reportagem da R D P Centro - Rádio Coimbra, chefiada pela locutora Eunice Correia.

Depois de uma curta visita às instalações do Centro Cultural foi para o ar no programa "o Palácio das Loucuras" a entrevista com dois Directores do Centro, procurando-se desta forma, divulgar todo um trabalho de desenvolvimento cultural, que se vem fazendo no "velho" Casulo de Malhoa.

1º encontro sobre a alta de coimbra

O Grupo de Arqueologia e Arte do Centro de Coimbra (G A A C), organizou nos dias 23, 24 e 25 de Outubro o 1º Encontro sobre a alta de Coimbra.

Sensibilizar para a defesa e conservação do património histórico e cultural e promover a revitalização daquela zona histórica

da cidade, foram os objectivos primordiais deste encontro.

O Centro Cultural atento a estas realidades esteve representado neste 1º Encontro procurando extrair ideias e motivações que possam também ajudar à reanimação do Centro Histórico da nossa vila.

monografia

O Centro Cultural está a promover a elaboração da Monografia de Figueiró dos Vinhos, tarefa que exige o estudo da vasta região onde o conselho se insere, nomeadamente das localidades vizinhas. Para o efeito e, uma vez que existe uma grande carência de fontes de informação, necessita da colaboração de todos quantos possuam em seu poder documentos, livros fotografias, jornais ... que digam respeito ao passado de Figueiró e da região e que queiram ceder ou emprestar para reprodução.

O Centro agradece desde já a colaboração que possam ministrar-lhe na realização deste trabalho que urge concluir.

viagem a campêlo

Devido à falta de disponibilidade de grande parte dos interessados em visitar a freguesia de Campêlo, por se encontrarem de férias, o Centro viu-se obrigado a adiar a referida viagem para data a anunciar oportunamente.

a próxima exposição

O tema da exposição a realizar seguidamente e ainda durante o mês de Outubro é o coleccionismo. É um tema a considerar se pensarmos que em Figueiró existem colecções interessantes que abarcam várias categorias de objectos: sêlos; moedas; postais; porta-chaves; etc. ... que será oportuno divulgar.

Os motivos que levam à organização de uma colecção, são variados e compreendem razões de ordem cultural, económica ou estética.

Todas as colecções têm um significado Histórico, social ou cultural e constituem um legado para gerações futuras.

recuperar é também reanimar

Iniciadas em Março do corrente ano, as obras de recuperação do velho "Casulo" estão a chegar ao fim.

Este notável edifício, sede do Centro Cultural, terá a partir de agora, condições para a vivência dum Centro que será um local de convívio, amena cavaqueira e de encontro com a nossa identidade cultural, tão esquecida e subestimada por vezes.

Uma Galeria de Arte com uma exposição quase permanente, uma acolhedora Sala de Convívio, uma Biblioteca subordinada a temas de interesse predominantemente local e regional e um mini-bar onde todos os associados e amigos possam saborear o seu café, poderão alertar-nos para a existência do Centro.

Se o Ano de 87 foi o da Recuperação, 88 será certamente o da Reanimação!

Viagens de estudo, festas e tradições populares serão o nosso abraço amigo a todas as Associações congêneres espalhadas pelo país.

Uma Monografia, com todo o seu interesse histórico e cultural que encerra será, muito em breve, o nosso cartão de visita. Esta notável obra, importante lacuna na Cultura Figueiroense, ajudar-nos-à a descobrir e compreender este belo recanto da natureza que Malhoa amou!

Figueiró e a nossa região bem o merecem! Marcamos encontro consigo... no Casulo!



Boletim Informativo do Centro Cultural de Figueiró dos Vinhos
Casulo, Av. José Malhoa
Apartado 29 3260 Fig. Vinhos
Impressão: Oficinas Ribeira de Pera Lda.

Tiragem 2.000 ex.
Bimensal
Distribuição Gratuita aos sócios